

SOBRE A ETIMOLOGIA DE “MALACACHETA”

Bruno MARONEZE¹
Mário Eduardo VIARO²
Daniel ATENCIO³
Marcelo MÓDOLO⁴

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i2.3406>

Resumo: Neste trabalho, propomos revisitar a etimologia da palavra *malacacheta*, nome genérico de diversos minerais, que muitos dicionários tratam como sinônimo de “mica”. Dicionários da língua portuguesa afirmam que a origem da palavra é obscura. A partir de dados coletados em textos de épocas anteriores, aventamos duas hipóteses: a) uma hipótese nova, de que o vocábulo é cognato de *marcassita*, nome de outro mineral que pode ter sido confundido com a malacacheta: ou seja, tanto *malacacheta* quanto *marcassita* seriam formas divergentes do mesmo étimo; b) a hipótese de que a palavra é relacionada ao nome do povo indígena Maxakali, que habita certas regiões do estado de MG. A hipótese a), no entanto, torna-se a mais provável, haja vista *marcassita* ser forma divergente de **marcaxeta*, portanto, com o mesmo étimo árabe. Da forma hipotética **marcaxeta* viriam *marcacheta*, *maracaxeta* e a forma atual *malacacheta*, referindo-se a diversos tipos de minerais (hoje denominados de talco, micas e muscovita), enquanto o antigo sentido genérico de *marcassita* se especificou.

Palavras-chave: Etimologia. Terminologia da Geologia. Lexicologia diacrônica.

1 Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil; brunomaroneze@ufgd.edu.br; <http://orcid.org/0000-0002-2821-9448>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; maeviaro@usp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5714-1611>

3 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; datencio@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-6943-5227>

4 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; modolo@usp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>

ON THE ETYMOLOGY OF “MALACACHETA”

Abstract: In this paper, we propose to revisit the etymology of the word “malacacheta”, the name of a mineral also known as “mica”. Portuguese language dictionaries state that the origin of the word is obscure. Based on data collected in texts from earlier times, we propose two hypotheses: a) a new hypothesis, taking the word as a cognate with *marcassita*, the name of another mineral that may have been confused with *malacacheta*: that is, both *malacacheta* and *marcassita* would be divergent forms of the same root word; b) the hypothesis that the word is related to the name of the Maxakali indigenous people, who inhabit certain regions of the state of Minas Gerais. Hypothesis a), however, becomes the most likely, given that *marcassita* is a divergent form of **marcaxeta*, therefore, with the same Arabic root. From the hypothetical form **marcaxeta* would come *marcacheta*, *maracaxeta*, and the current form *malacacheta*, referring to various kinds of minerals (nowadays called talc, mica, and muscovite), while the old generic meaning of *marcassita* became specified.

Keywords: Etymology. Geology terminology. Diachronic lexicology.

Introdução

Neste artigo, propomos visitar a etimologia da palavra *malacacheta*, nome atribuído à mica (ou à espécie muscovita) e ao talco.

O termo “mica” refere-se a um grupo de cerca de 60 espécies minerais conhecidas atualmente⁵, as quais são filossilicatos (silicatos com estrutura em camadas), cujos cristais apresentam clivagem (tendência a se partir em planos) de excelente qualidade, ou seja, é possível separar o mineral em folhas finas, mesmo utilizando as próprias mãos. Uma das espécies minerais mais comuns do grupo é a muscovita, de fórmula $KAl_2(AlSi_3O_{10})(OH)_2$. É geralmente incolor ou branca, mas pode ser verde, amarela ou de outras cores. Os minerais do grupo da mica refletem intensamente a luz e seu brilho é denominado micáceo. O sistema oficial de classificação e nomenclatura deste grupo é de Rieder *et al.* (1998).

O termo “talco” refere-se à espécie mineral de fórmula $Mg_3Si_4O_{10}(OH)_2$. Também é um filossilicato, mas seu brilho é menos intenso e sua clivagem é de menor qualidade. Pode apresentar as mesmas cores que a muscovita.

⁵ Disponível em: <https://www.mindat.org/min-6728.html>. Acesso em: 27 abr. 2022.

Os dicionários da língua portuguesa afirmam que a origem da palavra é obscura. A partir de dados coletados em textos de épocas anteriores, aventamos duas hipóteses: a) uma hipótese nova, de que o vocábulo é cognato de *marcassita*, nome de outro mineral que pode ter sido confundido com a malacacheta: ou seja, tanto *malacacheta* quanto *marcassita* seriam formas divergentes do mesmo étimo; b) a hipótese de que a palavra é relacionada ao nome do povo indígena Maxakali, que habita certas regiões do estado de Minas Gerais.

O que dizem os dicionários

Apresentamos inicialmente um apanhado histórico do registro lexicográfico de *malacacheta* na língua portuguesa, começando pelo mais antigo dicionário que a registra, o de Moraes Silva (1789), onde lemos: “MALACACHETA *v.* mica, ou talco”. Não há a indicação de ser um brasileirismo. A obra não registra o verbete *mica*. No verbete *talco*, lemos: “TALCO, *s. m.* pedra transparente, branda, que se divide em folhas, ou laminas delgadas; fazem-no de ordinario em pó, e o deitão pelo entrudo sobre a gente”. Os mesmos verbetes são reproduzidos, de forma idêntica⁶, nas edições de 1813, 1831 e 1844 (inclusive com a lacuna da falta do verbete *mica*). Na sétima edição, de 1877-1878, lemos o verbete *mica*: “*s.m.* Espécie de pedra folheada, escamosa e brilhante, que se abre em laminas mui delgadas, flexiveis, e luzentes, que se empregam em lugar de vidros nas vidraças, e lanternas.”, com remissão para *malacacheta*.

Domingos Vieira (1871) define “malacacheta” da mesma forma que Moraes Silva: “**MALACACHETA.** Vid. **Mica** ou **Talco.**” (VIEIRA, 1871, v. 4, *s.v.* malacacheta). No verbete “mica”, lemos:

2.) **MICA**, *s. m.* (Talvez do latim *micare*, brilhar). Termo de Mineralogia. Nome d’um grupo de mineraes, que são silico-aluminatos de potassa, de ferro e de magnesia. Estes corpos são notáveis pela sua divisibilidade quasi ao infinito em laminas ou palhetas mui finas, hexagonas, elasticas, de superfície brilhante, branca, esverdeada, amarella ou irisada, bronzeada, etc. Empregam-se nas vidraças, e lanternas, em lugar de vidros.

—Dá-se também o nome de mica a substancias muito differentes do verdadeiro mica, mas que teem também a propriedade, de se apresentar sob a fórma de palhetas ou laminas delgadas, muitas vozes flexiveis, e muito brilhantes. (VIEIRA, 1871, v. 4, *s.v.* mica).

⁶ A partir da segunda edição, a entrada é grafada com um acento grave: “MALACACHÈTA”.

- | Sobre a etimologia de “malacacheta”

Observa-se, tanto na indicação de classe gramatical quanto no corpo do verbete, que Vieira emprega *mica* como palavra masculina (cf. “do verdadeiro mica”).

A primeira edição do dicionário de Francisco Caldas Aulete, publicada em 1881, não registra verbete para *malacacheta*. Já a terceira edição, de 1948, editada ainda em Lisboa, já inclui o verbete: “**Malacacheta**, s. f. o mesmo que *mica*”. A obra inclui quatro homônimos para *mica*, sendo o homônimo de número 2 marcado com a rubrica “min.” (Mineralogia) e definido como “substância de brilho metálico que se fende em lâminas delgadas e flexíveis de diferentes côres”. Na edição brasileira de 1958, o verbete *malacacheta* é incluído com a rubrica “Bras.” (brasileirismo), sendo, aparentemente, a primeira vez em que essa indicação aparece num dicionário. As demais informações são idênticas às da edição de 1948.

Na terceira edição do dicionário de Laudelino Freire (1957), *malacacheta* se define novamente como “O mesmo que *mica*”. O autor inclui também o verbete *malacachetar*, definido como “v. tr. dir. De *malacachêta* + *ar*. Dar a côr de malacachêta a”. Aparentemente, é o único dicionário dentre os consultados que inclui esse verbo.

A primeira edição do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975) registra *malacacheta* novamente como sinônimo de *mica*, acompanhado da rubrica “Bras.” (brasileirismo). O dicionário Michaelis (s/d, versão online), diferenciando-se dos demais, define *malacacheta* como sinônimo de *muscovita*. Inclui a rubrica “MINER” (Mineralogia) e informa que a etimologia é desconhecida. O verbete *muscovita*, por sua vez, é definido como “Mineral monoclinico do grupo das micas, comumente incolor ou castanho-pálido, que é um silicato de alumínio e potássio; mica branca, malacacheta”.

O dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, s/d, versão online), no verbete *malacacheta*, inclui a rubrica “brasileirismo” e, assim como o Michaelis, também define como “m. q. **muscovita**”; no campo da etimologia, informa apenas que a origem é obscura. A datação informada é a de 1789 (remetendo à primeira edição do dicionário de Moraes Silva). O verbete *muscovita* é definido como “aluminossilicato básico de potássio monoclinico do grupo das micas, muito us. como isolante; mica branca, malacacheta, moscovita”, e datado do século XX. Assim, Michaelis e Houaiss são os únicos dicionários dentre os que consultamos que não definem *malacacheta* como um sinônimo de *mica* ou *talco*, mas como sinônimo de outro termo (um hipônimo de *mica*).

Consultamos também três dicionários etimológicos. O dicionário de Nascentes (1955) não registra o verbete *malacacheta*. O dicionário de Machado (1952-1959) inclui o verbete e sugere que seja de origem espanhola: “**Malacacheta**, s. Do esp.? Em 1813, Morais”. Cunha (2010), por sua vez, apenas informa que é “De origem desconhecida”.

Em resumo, observa-se que a unidade lexical *malacacheta* aparece registrada nos dicionários desde 1789; é definida como um sinônimo de *mica* ou, mais recentemente, de *muscovita* (que por sua vez é um hipônimo de “mica”, ou seja, refere-se a um mineral da família das micas). A partir do século XX, os dicionários passam a incluir a rubrica “brasileirismo”. Tanto os dicionários etimológicos quanto os gerais que incluem informação etimológica concordam em dizer que a sua origem é obscura ou desconhecida; apenas Machado ousa aventar a hipótese de uma origem espanhola, mas sem evidências.

Primeiras atestações

À procura de um esclarecimento maior de qual possa ter sido a origem dessa unidade lexical, buscamos encontrar ocorrências as mais antigas possíveis (isto é, seu *terminus a quo*, segundo Viaro, 2011). Dessa forma, por meio de buscas na base textual Google Livros (books.google.com.br), foi possível encontrar ocorrências anteriores à primeira atestação em dicionários.

Em Antonil (1711, p. 169, grifo nosso), essa unidade lexical aparece grafada *maracaxeta*:

Tirado fóra o desmonte, que às vezes tem altura de mais de braça, segue-se o cascalho: & vem a ser huns seixos mayores, & alguns de bom tamanho, que mal se podem virar, & tam queimados, que parecem de chaminè. E tirado este cascalho, apparece a piçarra, ou piçarraõ, que he duro, & dà pouco: & este he um barro amarello, ou quasi branco, muito macío; & o branco he o melhor: & algum deste se acha, que parece talco, ou **maracaxeta**; a qual serve de cama aonde està o Ouro.

Mais adiante, à p. 174 (grifo nosso), encontra-se novamente o mesmo vocábulo:

A pedra [presente nas minas de prata] he de varias cores, diferente das outras, & muy alegre: branca, negra, a modo de **maracaxeta** que se lança nas cartas, cor de ouro, amarella, azul, esverdeada, parda, de cor de figado, laranja, leonada: & ordinariamente tem ocos, onde se costuma crear Prata como em cubellos. Outras pedras são todas prateadas; & outras com veas de prata: & só estas se conhecem logo, que tem prata. Porém as acima nomeadas, só quem tem muita experiencia, ou quem a souber fazer, virà em conhecimento que a tem. Tambem às vezes se acha hũa **maracaxeta** negra, a qual toda tem prata: & de ordinario huma livra desta **maracaxeta** rende duas onças de prata. Pela mayor parte não ha beta de prata, que junto a ella se não ache **maracaxeta** branca, ou amarella, ou em pedras agrestes, ou em terra.

- | Sobre a etimologia de “malacacheta”

Percebe-se que, embora nessa possível primeira ocorrência de *maracaxeta*, o mineral a que se refere Antonil venha associado ao talco, no segundo trecho transcrito, a unidade lexical parece referir-se a mais de um mineral, visto que vem qualificada como “maracaxeta branca”, “maracaxeta branca”, “amarella” ou a expressão “maracaxeta que se lança nas cartas”.

Em outro documento do século XVIII, posterior em algumas décadas à obra de Antonil, encontra-se a grafia *malacaxeta*. O padre André de Barros transcreve na sua obra, de 1746, uma carta que recebeu do padre Manoel Ribeiro, na qual este último descreve um fenômeno possivelmente milagroso observado no crânio do padre Antônio Vieira:

He couza singularissima, que o mesmo cranio pela parte interior, ou concava, se acha semeado, ou pulverizado de humas particulas muy finas, e muy miudas, como de prata, ou **malacaxeta**. De sorte, que feridas da luz as mesmas particulas, a reflectem, e resplandecem, assim como huma carta, em que se lançou arêa, que vulgarmente chamamos de Angóla, mas muito mais vivas, e scintillantes. (p. 660).

Aqui, *malacaxeta* refere-se a um mineral brilhante como a prata, ao qual é comparado o brilho observado no crânio. Também se observa a comparação com as cartas brilhantes. As descrições acima não são obviamente as que um geólogo atual faria: são muito imprecisas para que seja determinada a referência, não permitindo saber realmente se se trata de uma mica (grupo a que pertence a muscovita) ou de um talco, uma vez que ambos podem apresentar várias cores, sobretudo se estiverem associados a óxidos de ferro.

De qualquer forma, *maracaxeta* \approx *malacaxeta* foram variantes gráficas de uma unidade lexical usada para se referir à mica e ao talco durante muito tempo, até que os princípios científicos da Geologia estivessem estabelecidos. Observa-se que a forma com <r> (*maracaxeta*) é anterior em algumas décadas à forma com <l>; esse fato sugere que o étimo a ser buscado deva procurar explicar essa oscilação.

Aparece ainda a forma *marcacheta*, testemunhada em um texto de 1680, portanto, anterior a Antonil (CADORNEGA, 1940, p. 241-242); assim, poder-se-ia afirmar que se trata da primeira ocorrência do item lexical em português, embora o autógrafo se tenha perdido e a edição atual desse texto se baseie numa cópia que está na *Bibliothèque Nationale de Paris*, catalogada como de 1881. Não se trata, nesse caso, de um verdadeiro *terminus a quo*, mas algo que poderíamos chamar de *indício de retrodatação*, que nos convidaria a procurar outros textos na mesma sincronia pretérita. Fazendo uma comparação com a metodologia de uma outra área, como a Paleontologia, uma pegada de uma certa espécie

de dinossauro é um indício da sua existência numa determinada época, ainda que não encontremos o esqueleto, a partir do qual podemos classificá-lo até o nível de espécie. No entanto, a falta dessa evidência não nos faz abandonar definitivamente a dúvida se aquela espécie de animal viveu naquela região e naquela época.

Hipóteses etimológicas

A busca por cognatos em outras línguas é uma tarefa importante da pesquisa etimológica. Visa a situar a palavra no seu contexto histórico, traçando uma possível rota de circulação da palavra por outras línguas com as quais a língua portuguesa teve contato. A palavra *malacacheta*, contudo, não apresenta cognatos evidentes em nenhuma outra língua europeia, ou seja, não se encontram palavras semelhantes nos dicionários de línguas como espanhol, italiano, francês, inglês etc.

No entanto, chama à atenção a semelhança formal entre *marcacheta*, acima mencionada, e outro mineral, a saber, a *marcassita*. Em português, a data mais recuada de *marcassita* é o dicionário de Raphael Bluteau (1707), quatro anos anterior à obra de Antonil para *maracaxeta*. É possível que *marcassita* e *maracaxeta* fossem variantes e designassem indistintamente os mesmos minerais. O uso da palavra *marcassita* remonta ao período de convivência com a língua árabe na Península Ibérica, onde é atestada como *marqaššīṭā* ≈ *marqaššīṭā*⁷, sendo aplicado à piritá e outros minerais de brilho metálico e cor de bronze. De fato, somente em 1845, Wilhelm Karl von Haidinger definirá o mineral conhecido hoje pelo nome técnico de *marcassita*.

O termo *marcassita*, segundo Nimer (2005), também aparece em português sob as formas *marcassite*, *marquezita* e *marquesita*, sendo as duas últimas variantes muito provavelmente formas analógicas a *marquês*. Corriente (2008) associa a forma *marcassita* do português e catalão a *marcasita* (galego e castelhano) e *marchesica* (antigo castelhano) e localiza suas origens no siríaco *marqesītā* e, por fim, no acadiano *marxašu[m]* ≈ *marxušu[m]*, remontando, possivelmente, ao tempo dos sumérios. Aparece nas línguas europeias já em documento anterior a 1187 em Gerardo da Cremona, sob a forma do latim medieval *marchasita*, segundo Cortelazzo e Zolli (2004, s. v. *marcasite*).

7 A palavra, em árabe moderno, مرقيشيتا, transcrita *marqašītā*, com -š- não geminado e com -t- alveolar também existe, embora menos comum. Como formas alternativas, há *marqašītā*, com -t- interdental, *mārqašītā* e *mārqašītā*, com a primeira vogal longa. Disponível em: <https://en.wiktionary.org/wiki/%D9%85%D8%B1%D9%82%D8%B4%D9%8A%D8%AA%D8%A7#Arabic>. Acesso em: 27 abr. 2022. A forma *marqašītā* com -t- enfático se encontra também em dicionários do século XIX, cf. Boethor (1829, p. 39) cf. “MARCASSITE, s.f., sorte de pierre, مرقيشيطا”.

- | Sobre a etimologia de “malacacheta”

A transformação -šš- > -ss- e -ī- > -i- do árabe para o latim medieval e línguas românicas revela uma transmissão culta (e indireta) do étimo árabe. Por outro lado, a mudança -šš- > -x- em um possível **marcaxeta* medieval mostra um contato direto, do árabe falado na Península Ibérica para as línguas iberorromânicas, da mesma forma que a mudança -ī- > -e- se explica pela vizinhança com o chamado “t enfático” (ط), nome dado ao som faringalizado [tʰ], testemunhada em outros exemplos de arabismos, como os seguintes, presentes no dicionário de Corriente (2008, p. 540), com contexto fônico praticamente idêntico: árabe andaluz *šīṭa > castelhano antigo *xeta* “cerdas do porco (?)”, árabe šīṭaraj > português *ceteraque* (planta de uso medicinal), árabe andaluz *sīṭl > português antigo *acetre* “pequeno balde com alças”, árabe andaluz *sīṭrānj ≈ árabe šīṭrānj > português antigo *acedrenche* “xadrez”, árabe šīṭrīyya > castelhano *ajedrea* “tipo de segurelha (planta)” etc. Um dado interessante é o testemunho da presença de uma variante na região da Cordilheira de Zagros com -ā- epentético, com -k- velar em vez de -q- uvular e com -s- em vez de -š-, a saber ماراكاسيت *mārākāsīt*⁸. Dizendo de outra forma, é muito provável que os vocábulos *marcassita* e *malacacheta* tenham a mesma origem árabe. Uma forma intermediária parece ser *marcaseta*, presente em alguns textos do final do século XVII e início do XVIII, conforme se pode encontrar no portal Google Livros. Seguem alguns exemplos:

Daar syn andere dingen, als den olie van talk, het *liquor tartari*, seep, de gesmolte *Marcaseta* in sterk water, het *lac Virginus* [...] (BLANKAART, 1688, p. 236-237)⁹.

Num dicionário também de fins do século XVII, do mesmo autor (Blankaart/Blancard), encontra-se o verbete *marcasita* (p. 396), associada ao bismuto, confundidos, certamente, por análise visual. Mais adiante, à p. 418, no verbete *mineralia*, aparece a grafia *marcaseta*:

MARCASITA, sive *Bismuthum* est excrementum metallicum, in generatione metalli ex portione aliqua, ad generationem metalli inepta productum, inque corpus minerale albicans, durum ac fragile mutatum. [...] B. *Marcasite*, *bismuth*. Germ. Bissmuth/Marcasith. Gall. *Marcasite*, *bismuth*. Angl. Bismuth, *Marcasite*. (BLANCARD, 1690, p. 396)¹⁰.

8 Disponível em: <https://ar.wikipedia.org/wiki/%D9%85%D8%B1%D9%82%D8%B4%D9%8A%D8%AA>. Acesso em: 27 abr. 2022.

9 “Existem outras coisas, como o *olie van talk* [óleo de sebo/óleo de talco, ambíguo no original], o *liquor tartari*, sabão, a *Marcaseta* dissolvida em ácido, o *lac Virginus* [...]”. Sobre a ambiguidade da palavra holandesa *talk*, cf. Kircher (1682, p. 381). Agradecemos ao Prof. Dr. Ernst A.J. Burke, da Vrije Universiteit, Amsterdam, pela ajuda com a tradução.

10 “*Marcasita*, ou bismuto, é uma sobra metálica produzida na geração de metal a partir de uma porção qualquer, incapaz de gerar metal e transformada em um corpo mineral esbranquiçado, duro e quebradiço [...] B. *Marcasite*, *bismuth*. Alemão Bissmuth/Marcasith. Francês *Marcasite*, *bismuth*. Inglês *Bismuth*, *Marcasite*.” (tradução nossa).

MINERALIA sunt ea quae non sunt Vegetabilia nec animalia: ut *Metalla perfecta* sex, Aurum, Argentum, stannum, cuprum, ferrum, plumbum. & metallis proxima seu *Metalla imperfecta*, ut *Antimonium*, cinnabaris nativa, sulphur, marcaseta [...] (BLANCARD, 1690, p. 417-418)¹¹.

A aproximação entre marcassita e malacacheta só seria possível diante de alguma propriedade física comum ou na prática da mineração que justificasse, na fala popular, a mesma cognação para as duas unidades lexicais, num período em que os conhecimentos químicos da Mineralogia ainda não eram conhecidos para se fazer a distinção científica de hoje. Nesse sentido, observa-se, por exemplo, que o dicionário de Moraes Silva (1789) define *marcasita* (grafada com um único *s*) como “pedra mineral, angulosa composta de ferro, ou de cobre, e enxofre”.

Já no emprego atual do termo, a marcassita é o sulfeto de ferro (FeS₂), polimorfo da pirita, e apresenta brilho metálico intenso, em que toda a luz se reflete; já a muscovita não apresenta brilho metálico, mas também apresenta um brilho intenso que poderia confundir um leigo. Da mesma forma, o brilho do talco é menos intenso que o da muscovita, no entanto seus planos de clivagem não são tão perfeitos e contínuos como na muscovita. Novamente, alguém com um olhar não mineralógico poderia confundir os dois minerais e seu brilho.

Para uma etimologia do vocábulo *malacacheta*, é preciso orquestrar também um estudo toponímico. A cidade de Santa Rita de Malacacheta, atual Malacacheta/MG, foi, segundo informações do *site* municipal¹², fundada em 1874 e emancipada em 1924. Surge a possibilidade de um segundo étimo, não vinculado à marcassita, mas aos índios Maxacali (no *site* chamados de “malacaxis”), uma vez que um dos fundadores, Cassimiro Gomes Leal, teria chegado ao território atual de Malacacheta “com diversos companheiros e alguns índios e teria sido o principal responsável pelo desbravamento das matas e colonização desta área”. O Cônego Benício José Ferreira teria aproveitado “as sementes lançadas por Cassimiro Gomes Leal e construiu a capela que favoreceu a formação do povoado”. Informa-se no mesmo *site* que, como companheiros do Cônego Benício, à época vieram Cassiano Terra e Marçal Luiz Pêgo.

Num artigo sobre a etnologia dos Maxacali, Paraíso (1994, p. 180) escreve:

¹¹ “MINERAIS são as coisas que não são vegetais nem animais: como os seis *metais perfeitos*: ouro, prata, estanho, cobre, ferro, chumbo; e as coisas próximas de metal, ou *metais imperfeitos*, como antimônio, cinábrio, enxofre, marcaseta [...]” (tradução nossa).

¹² Disponível em: <https://sites.google.com/site/malacacheta/>. Acesso em :11 abr. 2022.

- | Sobre a etimologia de “malacacheta”

Na página 319, Carvalho (1977) refere-se a uma expressão Pataxó: “a água vira Maracaxeta”, isto é, “a água que lustra com a claridade da lua, ela faz aquele reflexo, feito relâmpago”. É interessante constatar que Maracaxeta é uma corruptela de Malacaxeta, uma outra forma dos Maxakali serem chamados e também de uma cidade do vale do Mucuri, antigo aldeamento Maxakali [...]

A autora parece desconhecer que *maracacheta* ou *malacacheta* são nomes de um mineral, pois faz referência apenas ao topônimo e ao povo indígena Maxacali. A expressão citada, atribuída ao povo indígena, pode na verdade estar se referindo ao brilho do mineral, e não ao povo Maxacali. Araújo (2000, p. 1), que faz um estudo detalhado da fonologia da língua Maxacali, não cita o termo *malacacheta* entre as denominações existentes desse povo, quando afirma que:

A literatura etnográfica e lingüística tem utilizado inúmeras denominações para os Maxakalí, entre elas, Maxacalis, Machacalins, Machacari, Maxacuri, Machaculis. Segundo Nimuendaju (1958), a origem do nome Maxakalí é desconhecida e os índios nem são capazes de pronunciá-lo. Ao tentar fazê-lo, dizem “matchkadi”. Os Maxakalí se auto denominam tikmu?un ‘seres humanos’.

Há, ainda, no Google diversos elementos complicadores na Onomástica para associar o mineral *malacacheta* e o etnônimo *Maxacali*, uma vez que se encontram em áreas bem distantes desse povo: a terra indígena Malacacheta, termo proveniente da Maloca da Malacacheta, dos índios wapishana em Roraima¹³, uma escola chamada EMEIF São Francisco do Maracaxeta (Zona Rural de Irituia/PA)¹⁴, que revela o gênero dessa palavra (se não for homônima) como masculino. Fora do Brasil, no Peru, encontra-se Marcacheta (San Antonio de Chuca, Caylloma, Arequipa)¹⁵. Tudo isso indica que a etimologia do mineral associada à de um etnônimo específico é fantasiosa.

Também fantasiosa parece ser a relação entre o nome do mineral e do instrumento musical de percussão homônimo *malacacheta*, inicialmente conhecido como *caixa-de-guerra* ou *tarol*. O mais provável é que se trata de uma formação analógica com *caixeta*, termo musical mais antigo.

13 Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3751>. Acesso em: 11 abr. 2022.

14 Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/escolas/e-m-e-i-f-sao-francisco-do-maracaxeta>. Acesso em: 11 abr. 2022.

15 Disponível em: <https://www.mieducativo.com/2019/11/ubicacion-geografica-de-marcacheta-san.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Dispomos, portanto, de uma tese: *marcassita* é forma divergente de **marcaxeta*, portanto, com o mesmo étimo árabe. Da forma hipotética **marcaxeta* viriam *marcacheta* de Cadornega, *maracaxeta* de Antonil e a forma atual *malacacheta*, referindo-se a diversos tipos de minerais (hoje denominados de *talco*, *micas* e *muscovita*), enquanto o antigo sentido genérico de *marcassita* se especificou. Esse termo *malacacheta* tem apenas algum papel analógico em outros significados, como os presentes em etnônimos, topônimos e musicais, que são verdadeiros homônimos e não resultado do desdobramento polissêmico, isto é, acepções semânticas vinculáveis a um mesmo verbete, do ponto de vista lexicográfico.

Sufixos ou terminações?

As origens de *marcassita*, provável cognato de *malacacheta*, segundo as evidências aqui trazidas, datam do mundo árabe medieval. No entanto, a terminação *-ita*, presente em um número muito grande de minerais em língua portuguesa¹⁶, traz uma nova dificuldade.

No caso de um vocábulo antigo como *pirita*, trata-se da terminação *-ίτης* do grego antigo, presente em *πυρίτης*, latinizado *pyrites* \approx *pyritis*. O neossufixo *-ita* se associaria mais tarde também aos gêneros biológicos terminados em *-ites* do latim científico da Paleontologia, pois se refere a tudo que se encontra enterrado (como no crustáceo ostrácodo *Aragonites*¹⁷, cf. MOLINER; ZAMORA, 2018). Dada a origem antiga da terminação, é fantasiosa a correlação do sufixo geológico *-ita* do português e a palavra tupi *itá* “pedra, ferro”.

Circulava já, portanto, uma palavra *pyrites* \approx *pyritis* desde o latim clássico (presente na *Naturalis historia*, livro 1, capítulo 87, de Plínio, o Velho, e no *De medicina*, livro 5, capítulo 1 de Celso), de origem grega. Durante a Idade Média circularam também, como visto, palavras românicas provenientes do árabe *marqaššīṭā* \approx *marqaššīṭā*, que deram origem ao francês *marcassite*, de onde viria o português *marcassita*.

Tanto *pirita* quanto *marcassita* foram as primeiras fontes para a poligênese do sufixo internacional *-ita* (no Dicionário Houaiss há 769 ocorrências de palavras com essa terminação), usado pela Geologia, sem qualquer intervenção do tupi. Mesmo que haja construções neológicas com bases tupis, isso não equivale a dizer que haja construções

16 Dentre as aproximadamente 5.800 espécies de minerais hoje conhecidas, muitas delas têm em inglês a terminação *-ite*; na língua portuguesa, é comum usar a terminação *-ite* no português europeu e *-ita* no português brasileiro.

17 Disponível em: <https://www.irmng.org/aphia.php?p=taxdetails&id=1441547>. Acesso em: 11 abr. 2022.

- | Sobre a etimologia de “malacacheta”

tupis de nomes de minerais com o sufixo *-ita* que sejam etimologicamente fundamentadas. Além dessas duas unidades lexicais, outras denominações muito antigas de minerais aumentaram a proliferação do sufixo *-ita* antes da imensa produtividade contemporânea da Geologia, durante os séculos XVIII e XIX. Alguns desses vocábulos foram *hematita* (de origem no grego antigo, documentado em português apenas no século XIX), *siderita* (do grego bizantino, documentado no português apenas no século XVIII), *clorita* (século XVIII) e *margarita* (do grego antigo, documentado já no século XIV). Esses itens lexicais já se encontram presentes em grego antigo e foram recuperados pelo latim medieval e renascentista.

A maioria dos minerais denominados com o sufixo *-ita* se inicia no XIX: há, portanto, certo atraso na determinação do *terminus a quo* em língua portuguesa; por exemplo, *barita* aparece um século depois do francês *baryte* e, como visto, a antiquíssima *hematita* também tem sua abonação no dicionário de Houaiss e Villar apenas no século XIX. Observa-se ainda, a partir do século XIX, sobretudo no português brasileiro, o abandono do sufixo *-ite* nos estudos geológicos, uma vez que passou a vincular-se a nomes de inflamações: *hematite*, do século XVIII, cede lugar a *hematita* no século seguinte (embora formações desse tipo permaneçam ainda hoje no português europeu), diferentemente do que ocorre na Paleontologia, onde *-ite* é ainda um sufixo produtivo, como provam vocábulos do tipo *amonite*, *belemnite*, *quelonite*, entre muitos outros.

A terminação *-eta* de *mar(a)cacheta* \approx *malacacheta*, por sua vez, a partir dos dados aqui apresentados, parece ter contado com uma circulação exclusiva na Península Ibérica e não atuou de forma produtiva como sufixo em formações neológicas posteriores na Mineralogia. Dito de outra forma, a terminação *-eta* de *mar(a)cacheta* \approx *malacacheta* não equivale a nenhum sufixo diacronicamente atestado, mesmo em itens lexicais que terminologicamente se associem à Geologia, como *banqueta*, *breta*, *creta*, *cruzeta* etc.

Algumas considerações grafofonológicas

A grafia <ch> de *malacacheta* em vez de **mar(a)caxeta* é, muito provavelmente, posterior aos séculos XV-XVI, época em que não se distinguem mais fonologicamente em português /ʃ/: /tʃ/, como ainda hoje se faz no galego. De fato, a etimologia proposta estaria falsa, se em textos antigos, alguns desses itens lexicais fossem grafados com <ch> em castelhano ou galego. No castelhano antigo, na posição do -šš- árabe se esperaria um <x>, que equivaleria a um <j> no atual; porém, não há testemunhos de <ch>, mas de <s>. A forma castelhana *marchesica* citada por Corriente, se tem o mesmo étimo árabe, tem um <ch> no lugar do -q- árabe, onde se esperaria um <c> em castelhano. No entanto,

o grafema <ch> equivale, nesse caso, certamente a um *[k], como no italiano <ch> de *marchese* “marquês”, unidade lexical que, aliás, atua analogicamente, como comprova a alteração -a->-e- em *marquezita* ~ *marquesita* e também no italiano quinhentista *marchesita* de P. Mattioli (CORTELAZZO; ZOLLI, 2004 s.v. *marcasite*). A grafia <ch> equivalente a *[k] também aparece no latim medieval *marchasita*, como mencionado.

Não só o -q- uvular, mas também o -r- dental podem ser “enfáticos” em árabe, envolvendo coarticulações em áreas associadas à região pós-velar, nas quais se pode muitas vezes surgir, pelas leis fonéticas, um -a- epentético. Trata-se de uma questão secundária; portanto, se houve um **marcaxeta* medieval que gerou um *maracacheta* posteriormente (como mostram os textos do século XVIII acima vistos), se houve um *maracaxeta* que, por síncope, foi transformado em *marcacheta* (como pode ter ocorrido no português do século XVII de Cadornega) ou se existiam ambas as formas **marcaxeta* e **maracaxeta* no período medieval, subsequentemente testemunhadas como *marcacheta* e *maracaxeta*, são questões que poderão ser esclarecidas a partir de mais dados que ainda estão para ser descobertos e analisados. Neste artigo, o que se defende é a cognação de *marcassita* e *malacacheta*.

Considerações finais

Reunimos, neste artigo, evidências para argumentar que a forma *malacacheta*, nome genérico de um grupo de minerais, é um cognato etimológico de *marcassita*. Apresentamos uma breve história do registro lexicográfico de *malacacheta* e buscamos o seu *terminus a quo*, que é o ano de 1711 (na forma *maracacheta*), com possibilidade de recuar para 1680 (na forma *marcacheta*), recuo este ainda incerto, visto que o testemunho de que dispomos é cópia posterior. Apresentamos também um breve estudo da etimologia de *marcassita*, demonstrando ser plausível que ambas as formas derivem do mesmo étimo árabe, juntamente com a forma intermediária *marcaseta*, encontrada em textos sobre Mineralogia de fins do século XVII e início do século XVIII.

A hipótese da origem a partir do etnônimo *Maxakali*, difundida especialmente em relação ao topônimo Malacacheta (MG), também é analisada, mas é muito provavelmente fantasiosa.

Dessa forma, propomos a hipótese etimológica de que *malacacheta* e *marcassita* viriam ambos de uma forma hipotética **marcaxeta*, de origem árabe; e a terminação *-ita* de *marcassita* teria contribuído, ao lado de *pirita*, para a consolidação do sufixo internacional *-ita* que forma nomes de minerais. Esperamos que esta pesquisa seja um convite ao aprofundamento da etimologia dessas palavras com bases científicas e à busca de mais indícios documentais que sustentem ou refutem a tese aqui apresentada.

- | Sobre a etimologia de “malacacheta”

Referências

- ANTONIL, A. J. **Cultura e Opulencia do Brasil por suas drogas, e minas...** Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1711. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Yfi4AQAAMAAJ>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- ARAÚJO, G. A. **Fonologia e morfologia da língua maxakalí**. 2000. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- AULETE, F. C. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- AULETE, F. C. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 2 vols. 3. edição actualizada. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948.
- AULETE, F. C. **Diccionario contemporaneo da lingua portugueza**. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26034>. Acesso em: 8 jan. 2022.
- BARROS, A. de. **Vida do Apostolico Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesus...** Lisboa: Nova Officina Sylviana, 1746. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=IZDtL6En7-8C>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- BLANCARD, S. **Lexicon novum medicum graeco-latinum**. Leiden: apud Cornelium Boutesteyn/Jordaanum Luchtmans, 1690. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Steph_Blancardi_Lexicon_novum_medicum_gr/5LJXAAAAYAAJ. Acesso em: 14 abr. 2022.
- BLANKAART, S. **Schou-burg der rupsen, wormen, maden, en vliegende dierkens...** Amsterdam: Jan ten Hoorn, 1688. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Verhandeling_van_de_operatien_ofte_werki/044v_39JyPMC. Acesso em: 14 abr. 2022.
- BOETHOR, E. **Dictionnaire français-arabe**. Revu et augmenté par A. C. de Perceval. v. 2. Paris: Firmin Didot Frères, 1829. Disponível em: <https://books.google.fr/books?id=2ZkOAAAAYAAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 27 abr. 2022.

CADORNEGA, A. de O. de. **História geral das guerras angolanas**. Anotado e corrigido por José Matias Delgado. v. 2. [Lisboa]: Agência Geral das Colônias, 1940 [1680¹].

CORRIENTE, F. **Dictionary of Arabic and allied loanwords: Spanish, Portuguese, Cataland and kindred dialects**. Boston/Leiden: Brill, 2008.

CORTELAZZO, M.; ZOLLI, P. **Dizionario etimologico della lingua italiana (DELI) – L'etimologico minore**. A cura di Manlio Cortelazzo e Michele A. Cortelazzo. Bologna, Zanichelli ed., 2004 [1999¹].

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed., revista e atualizada de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, L. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

HADINGER, W. Zweite Klasse: Geogenide. XIII. Ordnung. Kiese. IV. Eisenkies. Markasit. *In: Handbuch der Bestimmenden Mineralogie*. Wien: Bei Braumüller and Seidel, 1845. p. 559-562.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Grande dicionário Houaiss**. Versão online. s/d. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

KIRCHER, A. **d'Onder-aardse weereld in haar goddelijk maaksel en wonderbare uitwerselen aller dingen**. Amsterdam: Joannes Janssonius van Waasberge, 1682. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=xypCAAAAcAAj>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1952-1959.

MOLINER, L.; ZAMORA, S. Aragón en la nomenclatura paleontológica. **Naturaleza Aragonesa**, v. 35, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329707761_Aragon_en_la_nomenclatura_paleontologica. Acesso em: 11 abr. 2022.

- | Sobre a etimologia de “malacacheta”

MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Versão Online. São Paulo: Melhoramentos, s/d. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa.** Rio de Janeiro: Acadêmica/Francisco Alves; São José: Livros de Portugal, 1955.

NIMER, M. **Influências orientais na língua portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos: etimologia/ explicações analíticas.** 2. ed. revista. São Paulo: EdUSP, 2005 [1943-1944].

PARÁISO, M. H. B. Amixokori, Pataxó, Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni: povos indígenas diferenciados ou subgrupos de uma mesma nação? Uma proposta de reflexão. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 4, p. 173-187, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109203/107683>. Acesso em: 09 abr. 2022.

RIEDER, M. *et al.* Nomenclature of the micas. **The Canadian Mineralogist**, Ontario, v. 36, p. 905-912, 1998. Disponível em: [http://www.minsocam.org/msa/ima/ima98\(10\).pdf](http://www.minsocam.org/msa/ima/ima98(10).pdf). Acesso em: 27 abr. 2022.

SILVA, A. de M. **Diccionario da lingua portugueza** composto pelo padre. D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=kPBDAQAAMAAJ>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, A. de M. **Diccionario da Lingua Portugueza** por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. 7. edição melhorada, e muito accrescentada com grande numero de termos novos usados no Brasil e no portuguez da India. Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves, 1877 (vol. I) / 1878 (vol. II).

SILVA, A de M. **Diccionario da lingua portugueza** composto por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Typographia de Antonio José da Rocha, 1844.

SILVA, A. de M. **Diccionario da lingua portugueza** composto por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Impressão Regia, 1831.

SILVA, A. de M. **Diccionario da lingua portugueza** recopilado dos vocabularios impressos até agora... Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Diccionario_da_lingua_portugueza.html?id=11s7AQAAMAAJ. Acesso em: 20 set. 2020.

VIEIRA, D. **Grande dicionário portuguez**: ou thesouro da língua portugueza. Porto: Ernesto Chardron/ Bartolomeu H. de Moraes, 1871. 5 vols.

VERDELHO, T. O dicionário de Morais Silva e o início da lexicografia moderna. *In*: **História da língua e história da gramática – actas do encontro**. Braga, Universidade do Minho/ILCH, 2003, p. 473-490. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Diccionario_Morais_Silva.pdf. Acesso em: 09 abr. 2022.

VIARO, M. E. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: MARONEZE, Bruno; VIARO, Mário Eduardo; ATENCIO, Daniel; MÓDOLO, Marcelo. Sobre a etimologia de “malacacheta”. **Revista do GEL**, v. 19, n. 2, p. 139-155, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 28/04/2022 | Aceito em: 24/05/2022.
